

**Modelos de leitura em disputa: a concorrência entre as coleções *Atualidades Pedagógicas e Cultura, Sociedade e Educação*, nos bastidores da Companhia Editora Nacional (década de 1960)**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Rita de Almeida Toledo – EHPS/PUC-SP

**Resumo**

Este texto analisa os modelos de leitura que configuraram duas diferentes coleções destinadas à formação de professores e as disputas que seus respectivos editores travaram nos bastidores da casa editora para impor suas representações do leitor e do que era necessário para formá-lo. Tanto a *Atualidades Pedagógicas*, dirigida por J B Damasco Penna (1950-1981), quanto a *Cultura, Sociedade e Educação*, dirigida por Anísio Teixeira (1968-1971), foram editadas pela Companhia Editora Nacional, nas década de 1960, instituindo modelos de leitura e formação diametralmente opostos. Nas análises que serão apresentadas, é central o conceito de *materialidade* do impresso como *forma produtora de sentido*. Atentando para os dispositivos textuais e tipográficos que ordenaram o conjunto dos livros editados nas duas coleções, o texto pretende analisar a configuração material das duas coleções e os modelos de leituras que produziram. Também, por meio da análise da correspondência interna da Editora, objetiva capturar as disputas, por autores e títulos, travada entre os editores para constituir seus respectivos programas de leitura e formação de professores.

A análise parte da afirmação que “os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são veículos”, e da proposta de Charteir de que se preste atenção no “processo pelo qual os diferentes atores envolvidos com a publicação dão sentido aos textos que transmitem, imprimem e lêem” (Chartier, 2002). Nessa perspectiva, a figura do editor ganha relevância como agente que intervém na configuração do campo pedagógico, na medida em que é ele quem seleciona, organiza e põe em circulação materiais adaptados a leitores específicos, segundo as representações que tem do próprio leitor e do campo de destino. A mediação editorial, assim, é tomada como intervenção política na configuração da cultura; e, por isso mesmo, lugar de poder fundamental.

## Introdução

Essa proposta de trabalho dá continuidades análises desenvolvidas no projeto integrado: *A constituição do campo pedagógico: impressos, autores e editores*, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marta M. C. de Carvalho, do qual participei, com o sub-projeto *Bibliotecas para professores: um estudo sobre Coleções de Pedagogia*<sup>1</sup>.

O projeto integrado dava ênfase aos processos de produção, circulação e apropriação do impresso de destinação pedagógica, enfatizando o papel dos intelectuais de marcada inserção institucional que, como autores, editores ou profissionais responsáveis por políticas de edição, desempenharam importante papel no processo de constituição do campo pedagógico (Carvalho, 2003a). Tomando a História Cultural como referencial teórico para problematizar o campo educacional, privilegiou o impresso como suporte material de modelos pedagógicos, analisando questões relativas à sua produção, circulação e usos. Propunha três modelos de configuração material do impresso como recursos de descrição, caracterização e comparação desse tipo de material destinado ao uso de professores: “*Caixa de utensílios*”, “*Tratado de Pedagogia*” e “*Biblioteca para professores*”<sup>2</sup>. Considerados como estratégias concorrentes de constituição e organização do campo dos saberes pedagógicos representados como necessários à prática docente, esta perspectiva de análise, põe em cena as disputas entre estes três modelos de impressos (Carvalho, 2003a).

Em meu sub-projeto, privilegiei o estudo das *Bibliotecas para professores*, aprofundando as análises que realizei em meu doutorado sobre a coleção *Atualidades Pedagógicas*<sup>3</sup>, e ampliei a exploração do modelo analítico com o estudo da *Biblioteca de Educação*<sup>4</sup>.

A adoção dos conceitos tomados da História Cultural possibilita o deslocamento dos enfoques tradicionais da História da Educação, conformando novos objetos na

---

<sup>1</sup> Esse projeto integrado foi aprovado pelo CNPq em 2003, concedendo bolsa produtiva à Profa dra Marta Maria Chagas de Carvalho. Ainda, como desdobramento do projeto integrado, obtivemos financiamento do CNPq – Edital Universal para desenvolver o projeto. “*Livros para professores: levantamento e análise de dados para mapeamento de sua produção e circulação*”, encerrado em 2005.

<sup>2</sup> Para a definição dos modelos de análise, consultar o sub-projeto “*A Caixa de Utensílios e o Tratado: produção, circulação e usos de modelos pedagógicos*”, desenvolvido pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Maria Chagas de Carvalho (2003).

<sup>3</sup> Sobre o modelo de leitura e formação contido na coleção *Atualidades Pedagógicas* consultar Toledo (2006).

<sup>4</sup> Sobre os resultados da análise sobre a *Biblioteca de Educação*, consultar Carvalho & Toledo (2004) e Toledo (2005).

medida em que problematiza, não mais as idéias desencarnadas das práticas dos sujeitos históricos, mas *os dispositivos que põem em circulação e as práticas dos agentes que produzem e se apropriam dos saberes pedagógicos* (Carvalho, 2003b). O que interessa, nesta perspectiva, não são os conteúdos em si dos saberes pedagógicos, mas os conteúdos em relação à materialidade de seus processos de produção, circulação, imposição e apropriação pelos agentes envolvidos. Daí a importância de tomar os modelos de configuração do impresso como intervenção no campo da pedagogia: os modelos em foco são constituídos pelas representações – sobre o próprio campo dos saberes pedagógicos, sobre os professores, sobre as políticas de intervenção etc.- dos agentes que, em lugares de poder específicos, os põe e circulação (Carvalho, 2003b).

Essa problematização desencadeia, por um lado, um tratamento específico das fontes tradicionalmente utilizadas; por outro, abre o campo para novos tipos de fontes que, até então, não eram trabalhados, como as que se encontram nos arquivos de editoras – correspondências institucionais com autores e entre editores, controles de produção do material impresso, catálogos de divulgação, regulamentos para política de financiamento de impressos, entre outros. É nesse sentido que o impresso – o livro, a revista etc. – deixa de ser apenas o informante das idéias pedagógicas e ganha uma outra dimensão: objeto cultural que, constitutivamente, guarda as marcas de sua produção e de seus usos (Carvalho, 2003b).

Nessa perspectiva, a figura do editor ganha relevância como agente que intervém na configuração do campo pedagógico, ou dos campos para os quais o impresso é destinado, na medida em que é ele quem seleciona, organiza e põe em circulação materiais adaptados a leitores específicos, segundo as representações que tem do próprio leitor e do campo de destino. A mediação editorial, assim, é tomada como intervenção política na configuração da cultura; e, por isso mesmo, lugar de poder fundamental. Por meio da mediação editorial, os editores podem constituir modelos de leitura e de formação do público destinatário, inscritos nos próprios materiais impressos, seja pelas escolhas de gêneros editoriais, seja pelas intervenções tipográficas e de dispositivos de leitura acoplados aos textos editados<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Com a assertiva de que “não há texto fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) que são veículos”, Chartier (2002) configura teoricamente a importância da mediação editorial. Para o autor, com o nascimento da imprensa nasce o papel ambivalente da atividade editorial e do comércio do livro: “De um lado, somente eles podem assegurar a constituição de um mercado dos textos e dos julgamentos [seleção e atribuição de valor aos textos publicados]. São eles uma condição necessária para que se possa ser construída uma esfera literária e um uso crítico da razão. Mas, de outro, em virtude de suas próprias leis, a edição submete a circulação das obras a coerções e a finalidades que não são idênticas àquelas que

\*\*\*

A investigação relata aqui – ainda em andamento - se debruça sobre a **Coleção Cultura, Sociedade e Educação (CCSE)** para compará-la a outros empreendimentos da mesma natureza, sobretudo a **Atualidades Pedagógicas**.

Essa **CCSE**, fundada em 1968, por Anísio Teixeira, teve curta duração – apenas quatro anos –, já que se encerrou com a morte abrupta de seu editor (março de 1971). A **CCSE** voltava-se para um *público mais amplo*, mas, como se demonstrará, dava especial atenção para o público dos educadores, e pelos leitores vinculados à universidade (estudantes e professores). Essa Coleção fez circular diferentes temas e autores (tanto nacionais como estrangeiros) e, por meio deles, pretendeu constituir e impor saberes pedagógicos, e saberes sobre os processos de constituição da cultura ocidental, que podem ser remetidos e, ao mesmo tempo, reveladores das representações de formação cultural que os editores<sup>6</sup> que a conceberam defendiam.

Esse empreendimento editorial se realizou no calor do debate em torno da reforma universitária, na *ressaca* da votação da LDB de 1961; e nas tensões sociais instaladas pelo Regime Militar que apontava para mudanças na política educacional. Realizou-se em situação adversa para Teixeira, que retornava ao Brasil depois de “exilar-se” por três anos nos EUA.

A escolha da **CCSE** deve-se, por um lado, às características diferenciadas do modelo de leitura e formação que, por meio dela, foi colocado em circulação. Esse modelo se diferencia radicalmente de outras coleções da mesma editora - Companhia Editora Nacional. Coleções como a *Atualidades Pedagógicas*<sup>7</sup> ou a *Biblioteca Universitária*<sup>8</sup>. Essas coleções, apesar de destinadas ao mesmo público ou a um público

governam sua escrita. Entre essas duas exigências, a tensão não se resolve facilmente. Mas é ela que faz com que a história da mediação editorial não seja apenas um capítulo da história econômica, mas também o ponto que possa ser compreendida uma dupla trajetória: a dos textos cujas significações mudam a forma de sua leitura ou paginação, a do público leitor, cuja composição social e cujas expectativas culturais se modificam quando se modificam as possibilidades de acesso à cultura impressa” (Chartier, 2002, p.76).

<sup>6</sup> Uso em determinadas passagens do texto **editores** e não editor, por entender que as decisões da publicação de cada título ou, mesmo, sua reedição, passavam por toda hierarquia da casa editora: desde o diretor propriamente dito da coleção até o dono da editora.

<sup>7</sup> *Atualidades Pedagógicas*, organizada na Companhia Editora Nacional de Octales Ferreira, dura 56 anos e publica 135 diferentes títulos de autores brasileiros e de outras nacionalidades. Fernando de Azevedo dirige a Coleção até 1946, sendo substituído por Damasco Penna que permanece até o fim da existência do empreendimento editorial (mesmo após a venda da Editora). O recorte proposto para o trabalho, que se estende 1931 a 1949, justifica-se por ser o período em que os volumes são editados por Azevedo (Penna. apesar de entrar em 1947, publica os últimos volumes já anunciados antes da saída de Azevedo da direção da Coleção).

<sup>8</sup> Essa ampla *Biblioteca* foi idealizada por Thomaz de Aquino Queiroz – diretor de edição da Companhia Editora Nacional – e Antônio Cândido. Ela foi constituída por oito séries que se dedicavam a campos específicos do conhecimento: série 1- Filosofia; dirigida por João Cruz Costa; série 2 – Ciências

próximo, foram constituídas com critérios diferentes e propostas de formação do leitor bastante diversas. Por outro, é importante destacar que a atuação de Anísio Teixeira como editor tem sido pouco enfocada pelos analistas de sua ação política e de sua produção intelectual<sup>9</sup>. Esse lugar de poder parece ter sido alternativa importante para Teixeira fazer circular seu discurso e suas representações sobre política e educação nos momentos em que se encontrava em oposição aos governos ditatoriais; e em situação de censura política<sup>10</sup>. O educador/ editor parece ter usado a possibilidade de fazer circular seus projetos político-educacionais por meio da reunião de textos referências em uma coleção.

### *Mediação editorial e movimento educacional*

A importância atribuída ao lugar de poder do editor pelo grupo de intelectuais da educação, do qual Anísio Teixeira fez parte, pode ser remetido ao final dos anos 1920 e início dos anos 1930, momento em que esse grupo se articula para, por meio de diferentes estratégias, buscar impor suas representações sobre o modo eficaz de transformação da *cultura nacional* por meio da *reforma da escola* (Carvalho, 2003b).

A bandeira geral do movimento educacional era a da necessidade de promover, no Brasil, a educação de toda a população com o fito de promover a formação do cidadão honesto e operoso, consciente de seus deveres. A generalização da educação, nessa perspectiva, só poderia se realizar, na visão dos promotores desse movimento, por meio da escola. Esse seria o verdadeiro instrumento de promoção da cidadania responsável. Esse instrumento, aliado à imprensa, promoveria a transformação do país, garantindo sua entrada na modernidade (Carvalho, 2003b).

---

Sociais, dirigida por Florestan Fernandes; série 3 – Ciências Puras, dirigida por Antônio Brito da Cunha; série 4 – Ciências Aplicadas, dirigida por Roberto Barros Lima etc. Essa Biblioteca foi fundada no final dos anos 1950 e começo dos anos 1960. Obteve grande sucesso e, alguns de seus títulos, circulam até hoje. O estudo dessa Biblioteca ainda está por se fazer. Mas, é possível levantar dados sobre ela no Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional – IBEP.

<sup>9</sup> Além dos textos produzidos no âmbito do projeto integrado *A constituição do campo pedagógico: impressos, autores e editores*, coordenado pela profa Dra Marta M. C. de Carvalho; encontrei apenas o trabalho de Kazumi Munakata (2000), que se dedica a analisar as atividades de produção e edição de livros didáticos desenvolvidas por Teixeira, no momento em que estava à frente do INEP. Entre os artigos que se dedicam a analisar a condição de A. Teixeira como editor, produzidos no âmbito do projeto, consultar (Carvalho & Toledo (2004).

<sup>10</sup> Ao se analisar a correspondência de Anísio Teixeira com amigos ou com a própria editora Nacional, é possível de se verificar que os dois momentos em que o intelectual assume a direção de coleções foram aqueles em que por ser considerado “subversivo” encontra-se sob censura: entre 1935 e 1945; entre 1964 e 1971. Consultar correspondência de Teixeira com Afrânio Peixoto (AT32.00.00/CPDOC; Dossiê Anísio Teixeira/ CEN).

A eficácia da escola, por sua vez, estaria apoiada pela renovação dos livros e a sua adequação para os novos leitores: tanto os inseridos na escola; quanto àqueles que, já fora dela, continuassem a ler literatura *sadia, esclarecedora e enriquecedora* da cultura de cada novo cidadão<sup>11</sup>. As editoras, nessa conjuntura, foram alçadas à condição de agências de educação por excelência, capazes de contribuir amplamente com o trabalho civilizatório que a escola deveria cumprir (Toledo, 2001).

As revistas especializadas em educação vinham, desde meados dos anos vinte, indicando a necessidade da organização de bibliotecas para as escolas, para as cidades (em forma de bibliotecas ambulantes ou estabelecidas em bairros populosos), especificamente para a formação de professores. Essas revistas, muitas vezes publicadas por iniciativa das próprias diretorias de Instrução Pública, anunciavam a necessidade de construção dessas redes de bibliotecas e implementavam políticas de compra de livros para dar solução à falta de leitura no Brasil, ou ainda, nova direção às más leituras feitas pelos novos leitores, com pouca experiência<sup>12</sup>.

O crescimento da indústria editorial no Brasil, portanto, foi marcado pela associação do livro às missões de educar, civilizar, universalizar e edificar. Às editoras se colocava o problema de renovar a cultura de modo geral e os materiais didáticos, mais especificamente, na cruzada aberta pelo movimento educacional dos anos 1920 e 1930. Com esse fim, o gênero editorial das coleções foi amplamente adotado pelas novas casas editoras que passam a lançar no mercado séries editoriais ajustadas aos perfis dos novos leitores; assim como ajustadas às novas necessidades da escola remodelada<sup>13</sup>.

A especialização do livro, delineada pelo perfil do leitor, permitia às editoras uma organização interna também especializada, coordenada pelo editor geral. Cada coleção, que correspondia a um tipo de leitor, ganhava um diretor que, especializado no assunto, poderia acompanhar atentamente os movimentos do mercado; selecionar os originais adequados e perceber, pelo conhecimento das práticas culturais em torno dos leitores visados, as novas possibilidades de expansão do livro naquela determinada fatia do mercado (Toledo, 2001).

---

<sup>11</sup> É importante lembrar que, desde a constituição republicana de 1891, a cidadania é vinculada ao alfabetismo, considerado critério de inclusão à vida política ativa.

<sup>12</sup> Por exemplo, **Boletim de Educação Pública** (R.J.); **Educação** (SP); **Revista do Ensino** (MG). Ver também Carvalho (2003b)

<sup>13</sup> A descrição que se segue pode ser verificada pelo menos para os casos da Companhia Editora Nacional e Companhia Melhoramentos de São Paulo. Olivero (1999), em seu trabalho sobre o nascimento das coleções na França, no século XIX, encontra esse mesmo esquema de funcionamento das editoras.

O editor geral, ao delegar a administração das coleções a diretores especializados, garantia a pesquisa de originais adequados ao público visado, repondo permanentemente a imagem da coleção junto a este; permitia a homogeneização dos textos pelo editor responsável, repondo a identidade da coleção a cada novo título, garantindo que as formas materiais da coleção fossem condizentes com os usos para os quais estava destinada, controlando também os lugares de difusão do livro e seus impactos. Assim, as coleções tiveram, na economia interna das empresas que as adotaram, função fundamental para a produção do livro: permitiam a homogeneização dos textos, a especialização em relação aos leitores e a constante reordenação dos títulos em função dos espaços de expansão do mercado.

Além disso, o nome do organizador da coleção funcionava como autoridade legitimadora da seleção empreendida, indicando os títulos e autores necessários para a formação dos leitores. A formação de uma coleção operava com regras determinadas, estabelecidas com objetivos definidos por seus organizadores e cuja primeira indicação desses critérios estava no nome dado à coleção.

A escolha do nome do organizador, do ponto de vista da estratégia comercial, muitas vezes, garantia o convencimento do público de que a seleção ali operada era confiável e servia aos fins determinados pela apresentação da coleção. O nome do organizador era propaganda para o público; podia ser uma das chaves de sua difusão. O nome próprio do organizador da coleção poderia criar a necessidade do consumo dos textos ali alocados, por ser autoridade reconhecida na matéria. A autoridade e projeção do nome do editor da coleção, neste sentido, eram transferidas para a coleção e funcionavam como propaganda da mesma.

Logo a noção da relação popularidade do nome do autor/sucesso do livro era transferida para a relação nome do responsável pela coleção/sucesso da coleção. A popularização do nome do organizador da coleção funcionava como propaganda e autorização dos textos publicados. Essa relação pode ser claramente notada nas coleções: *Biblioteca de Educação*, dirigida por Lourenço Filho, a *Biblioteca de Cultura Jurídica e Social*, assinada por Hermes de Lima; a *Biblioteca do Espírito Moderno*, Anísio Teixeira e Monteiro Lobato; a *Biblioteca Médica* assinada pelo Dr. Barbosa Correa; e as cinco séries da *Biblioteca Pedagógica Brasileira*, assinadas por Fernando de Azevedo.

O limite da constituição desses padrões editoriais estava na aceitação que as revistas especializadas e os críticos da educação poderiam fazer das novas propostas. A

escolha de autores entre os renomados intelectuais possibilitava, então, o credenciamento desses empreendimentos editoriais junto ao público e às instâncias de indicação de literatura<sup>14</sup>.

A abertura desse lugar de poder foi amplamente ocupada pela nova geração de educadores ligados ao movimento do escolanovismo no Brasil. Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Paulo Maranhão, entre outros, se aproximam de grandes editoras e se engajam na produção de coleções, tanto voltadas para o mercado educacional, quanto àquelas voltadas para a formação dos novos leitores<sup>15</sup>.

Àqueles novos editores caberia, então, propor os padrões de excelência e impor projetos editoriais para o mercado *ledor* que se ampliava, desde os anos vinte. É importante notar que esse padrão de organização editorial marcou a expansão dessa espécie de indústria e se perpetua até hoje.

É desse período que data as relações que Anísio Teixeira estabeleceu com a Companhia Editora Nacional, empresa fundada, juntamente com Octalles Marcondes Ferreira, por Monteiro Lobato<sup>16</sup>, amigo de Anísio Teixeira.

A Companhia Editora Nacional (C.E.N.) rapidamente abriga sob seu selo o movimento de renovação da escola, editando livros didáticos renovados, literatura infantil, e literatura de formação para o professorado em forma de coleções (Toledo, 2001). Muitos dos chamados *pioneiros da educação nova* fizeram parte dos staffs de editores e de autores e tradutores da CEN.

Segundo Laurence Hallewell, coleções para professores, como a *Atualidades Pedagógicas*, estavam entre os êxitos da C.E.N. que se voltava para o mercado universitário e de livros didáticos para os ensinos primário e secundário. Para o Autor, Octalles Marcondes Ferreira era um autêntico homem de negócios e constrói sua editora sobre “alicerces sólidos e duradouros”.(Hallewell, 1985:269). A atividade com livros de formação - os didáticos ou de ensino superior - foram transformados em negócios

<sup>14</sup> Os renomados intelectuais eram aqueles que participavam do movimento ativamente, publicando artigos nos jornais de grande circulação, nas revistas especializadas, participando de conferências abertas ao público, de congressos, de associações de educadores ou das Ligas Nacionalistas, além daqueles que promoveram as reformas educacionais nos vários estados do país. São estes homens e mulheres que acabam por se credenciar como os “técnicos educação” ou “políticos da educação”.

<sup>15</sup> Fernando de Azevedo monta, na Companhia Editora Nacional, a Biblioteca Pedagógica Brasileira, formada por 5 séries (Infantil; Didáticos; Iniciação Científica; Atualidades Pedagógicas e Brasileira) que pretendia suprir o público de todas as idades com os melhores livros já disponíveis no país (Toledo, 2001). Lourenço Filho se vincula à Companhia Melhoramentos de São Paulo, para lançar e dirigir diferentes coleções voltadas para públicos diversos, centrando sua atuação nos livros didáticos; na literatura infantil e nos livros para professores (Donato, 1999; Toledo & Carvalho, 2004).

<sup>16</sup> Sobre a História da Companhia Editora Nacional, consultar Beda (1987) e Hallewell (1985). Ver também Toledo (2001).



lucrativos pela C.E.N. Marcondes Ferreira, segundo Hallewell, soube aproveitar a conjuntura causada pela depressão econômica do pós-guerra – que impedia a importação fácil de material impresso -, o movimento de expansão da Escola Nova, na década de 1920, assim como as diversas reformas de ensino realizadas pelos grupos ligados a esse movimento, para expandir e consolidar os seus negócios com os livros (Idem: 277).

### **Coleção para professores, modelos de leitura e intervenção editorial**

Dentro da CEN, Anísio Teixeira assumiu diversas funções, durante os 42 anos de relação que com ela estabeleceu: foi autor, tradutor, consultor e editor. Nos catálogos da Nacional, o nome de Teixeira aparece freqüentemente, nessas diferentes funções. Certamente, essa intensa relação criou condições favoráveis para que, no final dos anos 1960, a CEN resolvesse abrigar uma coleção assinada por Anísio Teixeira: a **Coleção Cultura, Sociedade e Educação**<sup>17</sup>.

Porém, como se sabe, ele não era o único educador a dar seu nome a uma coleção especializada. A CEN mantinha, desde 1931, outra coleção de sucesso voltada para a formação do professorado: a **Atualidades Pedagógicas**. A CCSE, de Anísio Teixeira, enfrentaria desde cedo a concorrência da já prestigiosa coleção de formação docente, dirigida por JBDamasco Penna.

### ***Modelo de formação da Atualidades Pedagógicas***

A **Atualidades Pedagógicas** foi fundada por Fernando de Azevedo e por ele dirigida até 1943. Apesar da saída de Azevedo da Nacional, a **Coleção** continuou ativa, sob a direção de J.B. Damasco Penna. Essa Coleção publicou 134 volumes, ao longo de seus 51 anos de existência. É importante destacar que Penna, ao assumir a direção da **Atualidades Pedagógicas**, reformula totalmente seu programa de publicações, instituindo nela um novo modelo de leitura e formação do professorado. Esse novo

---

<sup>17</sup> No período em que Anísio Teixeira encontrava-se exilado no sertão da Bahia, mais precisamente em 1936, inicia negociação com a Nacional para lançar uma nova coleção que se chamaria *Técnica e Cultura* (carta de Peixoto à Teixeira, 23/01/1936; AT.36.00.00/CPDOC). Provavelmente essa coleção é a *Biblioteca do Espírito Moderno*, que no Catálogo Geral da Nacional n. 14 (1939) é assinada por Anísio Teixeira. A *Biblioteca do Espírito Moderno* tem grande longevidade e, já nos anos 1940, deixa de ser dirigida por Anísio Teixeira., Silvia Asam da Fonseca, desenvolve tese de doutorado sobre esta coleção, sob minha orientação, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

programa se distanciava radicalmente daquele que Azevedo se propôs a editar, ao lançar essa Coleção (Toledo, 2006).

Ainda, é importante destacar que durante a gestão de Azevedo à frente da **Atualidades**, a reforma de Anísio Teixeira, no Distrito Federal, foi uma das importantes fontes de títulos e autores de seu programa editorial. Azevedo procurou publicar tanto os autores considerados como fonte de inspiração da reforma – como Dewey e Claparède; assim como os próprios agentes da mesma: Anísio Teixeira; Arthur Ramos; Venâncio Filho; Afrânio Peixoto, entre outros (Toledo, 2001).

Os textos de Teixeira e suas traduções, publicados pela CEN, foram alocados na **Atualidades Pedagógicas**. Com a derrocada da reforma de Teixeira e o ostracismo de Azevedo<sup>18</sup> na política paulista, depois de 1939, o programa da Coleção entra em crise, cuja consequência foi a saída de Azevedo da CEN (Toledo, 2001).

Até o nascimento da **Coleção Cultura, Sociedade e Educação**, já nos anos 1960, os textos de Teixeira permaneceram na **Atualidades**, em escassas reedições. A reformulação da **Atualidades**, proposta por Penna, não manteve as relações da Coleção com a reforma de Teixeira<sup>19</sup>: - muitos títulos deixaram de ser reeditados e prefácios foram modificados, alterando-se a importância dos autores e de sua obra.

Penna transforma a Coleção em um projeto editorial bem montado naquilo que se propôs a fazer: *oferecer textos de reflexão sobre o problema fundamental da atividade educativa, em todas as suas formas*; textos que oferecessem conhecimentos *efetivos* para o leitor (Penna, 1950). Daí a fórmula eficaz do compêndio ou manual traduzido que propunha visões panorâmicas dos diferentes âmbitos da pedagogia em linguagem fácil, oferecendo idéias *utilizáveis* pelos educadores e estudantes na sua *atividade educativa*. As traduções ofereciam o sentido universal dos saberes compendiados: o saber que vence os limites das nações, válido para todas elas (Toledo, 2001).

A fórmula editorial de Penna aproximava-se das estratégias católicas de apropriação e de difusão de um escolanovismo depurado. Para Carvalho (1996, p. 65), no escolanovismo católico predominou a tendência de incorporar princípios da nova pedagogia, *depurando-a de tudo o que contrariasse os preceitos católicos*, por meio de

<sup>18</sup> Para uma descrição detalhada da oposição política sofrida por Azevedo com a ascensão dos católicos no Estado Novo, consultar Toledo (2001).

<sup>19</sup> Muitos livros que traziam clara relação com a reforma foram retirados do Catálogo ou desprogramados. Talvez essa reformulação de Penna do programa da **Atualidades** explique as razões que levaram Teixeira publicar a 1ª edição de *Educação não é privilégio* na Livraria José Olympio Editora (1957).

*publicações doutrinárias, em revistas ou em manuais, de versões católicas da moderna pedagogia, que firmavam princípios, constituíam uma ortodoxia pedagógica e um corpus bibliográfico de referência, formulando-os como crivos de leitura.*

O gênero do manual prestava-se de forma ímpar a esse tipo de programa de acomodação do escolanovismo aos preceitos católicos: o gênero permitia a seleção e referenciava um corpus de saberes de autores e textos que sintetizassem uma determinada disciplina do campo educacional; permitia a tradução desse corpus pela síntese autorizada produzida pelo autor do mesmo, cuja preocupação era a de iniciar o novo leitor em domínios desconhecidos, controlando e traduzindo a circulação de saberes produzidos nas obras referenciadas; permitia localizar e articular a produção desses saberes e de seus autores, acomodando diferenças e elidindo confrontos<sup>20</sup>.

A opção pela publicação quase exclusiva de manuais deslocava o programa da Coleção da proposta anterior, cujo cerne estava na oferta direta dos textos apontados como as bases do escolanovismo, proporcionando ao público leitor a possibilidade de apropriação direta dessas bases<sup>21</sup>. O programa de formação, publicado por Penna, em tempos de grande controle e censura, permitia o uso do material impresso por diversas instituições de formação do professorado, acomodando-se facilmente às diferentes representações e apropriações do que seria a *moderna pedagogia*, constituída pelo consenso aparente dos termos. É importante destacar que esse modelo de leitura e formação se perpetua na coleção **Atualidades Pedagógicas** até o fim de sua existência, já nos anos 1980. A perpetuação do sucesso da Coleção dependeu justamente desse modelo de leitura e formação instaurado por Penna nos anos 1950.

Penna, no processo de reformulação da **Atualidades**, opera a “catolicização” da Coleção: programa compêndios de divulgação científica que apresentavam, em amplas perspectivas, os mais novos conhecimentos desenvolvidos nesta ou naquela disciplina

---

<sup>20</sup> Na perspectiva de Vivian B. da Silva, “os manuais pedagógicos apresentaram saberes selecionados e organizados numa seqüência natural, ordenando um modo de raciocinar. Eles propuseram as tarefas como um ‘ritual de aprendizagem’ e, simultaneamente, uma ‘tecnologia de controle social’, pois delimitaram não só o conhecimento como também os procedimentos pelos quais os saberes deveriam ser ensinados e aprendidos” (V. Silva, 2001, p. 12).

<sup>21</sup> Segundo Carvalho, se os católicos privilegiaram prescrever e controlar a utilização depurada dos preceitos da Escola Nova através dos impressos, já os *Pioneiros procuraram constituir um repertório de alternativas pedagógicas suscetíveis de múltiplos usos*, no intuito de renovar práticas pedagógicas e consolidar, assim, as políticas de reforma estrutural da escola e do sistema escolar. A seleção e triagem das novas pedagogias eram efetuadas na própria escolha do material editado e na forma pela qual o material era difundido: *privilegiavam materiais impressos aptos a funcionar como ferramentas de transformação do trabalho do professor nas escolas* (Carvalho, 1998: 9). De qualquer modo, o programa editorial de Azevedo empregava outros dispositivos de controle da leitura, sobretudo por meio de dispositivos editoriais. Para uma discussão mais ampliada da questão, consultar (Toledo, 2001).

do campo da Educação, utilizáveis tanto no ensino normal, como no ensino superior, pela facilidade da linguagem; esse manuais elidiam qualquer referência política contida nos textos e autores, na medida em que eliminavam diferenças e os apresentavam em seqüência harmônica e evolutiva; seleciona, para o programa de edição, autores de referência da pedagogia católica, como Frans Houvre e Van Acker<sup>22</sup>.

O consenso em pedagogia, construído sobre a programação contínua dos manuais, também se fez por meio do *aparelho crítico* adotado por Penna: orelhas, notas de rodapé, textos explicativos da coleção.

As orelhas dos livros eram compostas por uma pequena apresentação do autor, ou referência à sua condição; a inserção e abordagem do trabalho na Educação e um pequeno comentário do conteúdo do texto. A orelha permitia a Penna apresentar os novos autores e reapresentar os já editados, explicitando os critérios de escolha do título e a função que este deveria cumprir na formação do leitor. Com o comentário das orelhas Penna podia distribuir e apresentar os saberes contidos em cada título, enfatizando a sua importância no campo da educação. Esse dispositivo também permitiu a absorção do programa azevediano ao seu, já deslocado dos significados atribuídos aos textos. *Como pensamos*, de Dewey, por exemplo, na 3ª edição (1959), foi apresentado como um livro clássico que estudava o que mais *interessava ao educador: a maneira melhor e mais acertada de pôr o pensamento, interessado, ativo e disciplinado, a serviço da educação* (Orelha do vol. 2, 1959)

A versão de Penna para *Como Pensamos* neutralizava os significados a ele atribuídos, nos anos 1930: de que a sua leitura atenta produziria uma “revolução” na escola. Revolução que para *pioneiros* significaria a renovação das práticas escolares tradicionais; para *católicos*, revolução negativa que introduziria o *naturalismo* e *bolchevismo* na escola e na sociedade. O texto de Dewey, no comentário de Penna, isolado das contendas políticas nas quais circulou, é desenhado como obra técnica e eficaz porque, *por meio do estudo das bases do pensamento, fixa as prescrições* para que o educador seja capaz de propiciar o *desenvolvimento do pensamento dos educandos com eficácia*.

A longevidade da Coleção já é indicador de seu sucesso junto às escolas de formação de professores. Esse indicador, juntamente com o dado do importante papel que as faculdades isoladas, sobretudo católicas, tiveram na formação de professores primários

22

Para uma análise mais detalhada da “catolicização” da *Atualidades*, consultar Toledo (2006).

e secundários, nos anos 1950, 60 e 70, permite, também, que se lance a hipótese de que esse modelo de leitura e formação se tornou hegemônico nas escolas para professores, pelo menos, a partir dos anos 1950<sup>23</sup>.

### ***A arquitetura da CCSE***

Destacar as características do programa proposto por Penna para formação do professorado é importante para se desvelar o modelo de leitura e formação construído na **Coleção Cultura, Sociedade e Educação**; não só pela caracterização das diferenças entre os dois, mas, sobretudo, das disputas que se instauram entre as duas coleções no que diz respeito ao modelo de leitura do professor e a concepção de pedagogia e educação de seus respectivos editores. O confronto entre os editores, como será discutido, parece ter se acirrado nas disputas por títulos a serem publicados nos programas de cada uma delas.

A Coleção de Teixeira, pela análise parçil da documentação, se constituiu como modelo alternativo ao de Penna, retomando a concepção de coleção que havia regido as propostas editoriais dos escolanovistas nos anos 1920 e 1930: oferta direta dos textos originais em traduções, entendidos como bases para a formação do leitor e comentários de especialistas brasileiros, proporcionando ao público leitor a possibilidade de apropriação dessas bases.

Tomando-se a lista de obras programadas para a publicação – 20 títulos ao todo – nota-se que 13 delas são diretamente voltados para a discussão de aspectos do campo da educação; as outras sete, no catálogo da própria editora, se distribuem entre as áreas da política(2); sociologia (4) e ciências sociais(1)<sup>24</sup>.

O conjunto sobre educação compõe-se de (7) obras de brasileiros: sendo que cinco são de autoria do próprio Anísio Teixeira; e outras duas de Hélio Pontes e Terezinha Éboli. Das traduções, seis ao todo, são escolhidos J.Dewey, J.Bruner, Alfred N. Whitehead, John Pfeiffer, James Bryant Conant e W. Kenneth Richmond. Como se vê, as obras do próprio editor dão o enquadre para as análises educacionais; intercaladas às traduções de textos norte-americanos e ingleses.

---

<sup>23</sup> Sobre a conjuntura do mercado editorial nas décadas de 1950, 60 e 70 e suas relações com a expansão do ensino superior, ver Toledo (2001).

<sup>24</sup> Dos 20 títulos propostos, apenas 18 foram publicados na CCSE; um não chegou a ser editado e outro foi transferido, já na 1ª edição, para a *Atualidades Pedagógicas*. Para a visão geral dos títulos propostos, consultar anexo 1

Já o conjunto sobre ciências sociais – incluindo seu sub-campos - compõe-se, exclusivamente, de autores estrangeiros, vertidos para o português. Os autores programados são: J Dewey (1), Raymond Willians (2), Jacques Lambert (1), Peter Winch (1), Alexis de Tocqueville (1), Marshall MacLuhan (1). Com exceção da obra de J.Lambert, todos os outros títulos fora vertidos do inglês para o português. Teixeira escolhe preferencialmente as análises britânicas e americanas para oferecer ao leitor brasileiro.

Anísio Teixeira revisou todas as traduções, assim como os próprios textos, fazendo jus a seu lugar de editor. Na correspondência que mantêm com a Nacional, é possível verificar que essa coleção procurava materializar o programa de traduções que o Educador idealizava. Um programa que viesse atender a “urgência” de análises e pensamentos sobre a “crise atual” (Carta de ATeixeira a OMFerreira, 26/01/1970). Daí todo o cuidado do Editor/Educador em trabalhar as traduções, oferecendo ao leitor material de alto nível.

Ainda, de modo preliminar, nota-se que não há entre os títulos escolhidos manuais ou compêndios sobre disciplinas ou qualquer campo do conhecimento. A preocupação de Teixeira era de oferecer análises completas dos temas e assuntos escolhidos; assim como se preocupava em oferecer visão de conjunto da educação, articulando-a as chamadas Ciências Sociais. Longe de uma análise apolítica da educação, Teixeira programa autores e obras que lhe vinham subsidiando a compreensão do que entendia ser a “crise atual”.

### ***Embates nos bastidores da Nacional***

Como consultor editorial da CEN, já nos anos 1960, Anísio Teixeira criticava veementemente o programa editorial de Penna para a formação do professorado e apontava, à diretoria da Editora, a necessidade de traçar uma política de traduções radicalmente diversa daquela proposta por Penna. Entendia que a Coleção de Penna prejudicava a formação do professorado e o próprio desenvolvimento do campo da pedagogia e, por conseqüência, da cultura.

A Coleção de Teixeira seria então a materialização de um programa alternativo de formação àquele que se tornou hegemônico por meio dos manuais e das coleções “didáticas”, como a da *Atualidades Pedagógicas*, que se multiplicaram, desde os anos

1940, inundando as escolas de formação do professorado, tanto em nível superior quanto em nível médio?<sup>25</sup>

As críticas à Coleção de Penna aparecem na correspondência mantida entre Teixeira e o diretor de edição, Thomaz Aquino de Queiroz. Em 1968, momento em que Teixeira já trabalhava em sua nova Coleção, este apresenta a Aquino de Queiroz pareceres sobre as futuras traduções da coleção *Atualidades Pedagógicas*.<sup>26</sup> Diz Teixeira, em carta de 8 /fev./1968:

*Meu caro Thomaz: os três livros para Atualidades Pedagógicas que ainda tenho aqui são todos livros que refletem necessidades didáticas dos americanos para os seus cursos. Não são livros originais, mas textos para alunos de um país super-rico, que não tem razões para ser seletivo em suas publicações escolares. Nosso modelo, intelectualmente falando, é muito mais a Europa, no caso de termos de traduzir manuais escolares (Teixeira, 08/02/1968; - AT 66.05.19/CPDOC-FGV)*

Além de considerar inapropriado o modelo de manual contido nos títulos propostos por Penna, Teixeira considerava ainda mais inadequada a política de publicação de livros didáticos em Pedagogia. Para ele, essa opção era marcada pelo empobrecimento da cultura escolar e não se justificaria à primeira vista. Certamente, o que o incomodava era a escolha de manuais, já que no programa de sua coleção privilegiou análises da cultura e da educação vindas de autores norte-americanas.

Em contraposição a essa política sugere:

*Isto é um lado da questão. Mas há outro lado: nesses livros, muito das teorias expostas são de autores estrangeiros – alemães, suíços etc. Ora, penso que não devemos receber a contribuição destes autores das mãos dos americanos. Estes têm muito a nos ensinar do ponto de vista de invenções e de tecnologia, mas quando se chega a pensamentos eles são subsidiários da Europa e não há razão para sermos subsidiários de quem já é subsidiário. O último livro, por exemplo, que me enviou – Theories of child development, de Alfred L. Baldwin – dedica 118 páginas a Piaget e 70 páginas a Freud, sem falar em 38 a Fritz Heider e 44 a Heinz Wener. Ora, não seria mais importante traduzirmos obras desses autores? Só Piaget poderia dar a*

<sup>25</sup> Essa questão abre diálogo com o problema colocado por Brandão & Mendonça sobre as razões da não leitura de Teixeira no campo educacional (Brandão & Mendonça, 1997). Além das respostas encontradas pelas autoras, pode-se perguntar se o modelo de leitura e formação que se hegemonizou nos cursos de pedagogia – o manual e o compêndio – não teriam contribuído para solapar modelos alternativos de formação, como os propostos por Anísio Teixeira?

<sup>26</sup> Em 1966, Anísio Teixeira já havia dado parecer contrário à tradução do texto de Jean Chateau “Les Grands Pédagogues”, publicado na década de 1970 como “Os grandes pedagogistas”.

*Atualidades três ou quatro volumes. A Editora Nacional traduziu quase todo o Bertrand Russel, o que representou uma contribuição real à cultura brasileira. Porque não fazer algo semelhante com alguns dos pensadores originais no campo de pedagogia? De todos os autores examinados por Baldwin poderiam ser escolhidas as obras mais significativas e com isto se enriqueceria a biblioteca de psicologia propriamente didática. Viriam, depois, comentários a ser escritos pelos autores brasileiros (Carta de Teixeira a Aquino, 8/9/1968 - AT 66.05.19 / CPDOCFGV).*

Segundo Teixeira, o único modo da Nacional contribuir de fato com a formação do leitor, fosse ele o professor, fosse ele o leitor comum, era oferecer traduções dos textos originais e não comentários didáticos a eles, reforçando a importância do modelo de formação e leitura que integrava originais traduzidos aos comentários de autores brasileiro.

Para reforçar sua posição Teixeira continua:

*Já escrevi ao Octales sobre uma possível política de traduções, mas não sei qual foi a reação às sugestões que apresentei. Damasco Penna, que está no ofício e tem a experiência que sabemos, poderia dar-nos a sua opinião. Não tenho dúvida de que com cento e muitas escolas de filosofia, embora não seja mais em sua maioria que escolas normais superiores, temos que preparar para seus alunos uma biblioteca em língua portuguesa nas várias disciplinas dos seus currículos. Será que esta biblioteca deve ser a dos livros didáticos americanos? Ou a dos livros dos cientistas e pensadores americanos, ingleses, franceses, alemães, suíços, belgas, dinamarqueses, holandeses e russos. Deixo de citar os italianos e espanhóis porque acredito que podemos ler na língua original. A minha objeção assim, não é contra traduzir americanos mas a traduzir livros didáticos sejam lá de que país for. Em alguns casos, como já disse, podia-se admitir alguma “adaptação” feita por autor brasileiro altamente familiarizado com o assunto, mas a pura e simples tradução não vejo como aceitá-la. Também poderiam ser traduzidas obras de autores que desenvolvessem com originalidade e contribuição própria teorias de outros autores, mas a tradução deveria assim ser sempre de autor que, estivesse a pensar com originalidade e poder criador. Estas observações somente têm valor de sugestões. Se livros como os que me mandou têm mercado seguro, está claro que se pode editar, cabendo-me apenas lamentar que não estejamos em condições de fornecer aos estudantes brasileiros os livros da cultura humana, sendo obrigados pelas circunstâncias a dar-lhes uma cultura de segunda mão. Peça ao Damasco Penna que me mande uma palavra sobre as razões que o estão levando a esse programa de*



*traduções de livros didáticos. Talvez, não haja outro remédio....*  
(Carta de Teixeira a Aquino, 8/9/1968 - AT 66.05.19).

A longa citação da carta de Teixeira é importante para apresentar o embate que se constituía em torno do que deveria ser oferecido como literatura pedagógica aos estudantes universitários durante sua formação. Para Anísio Teixeira, as escolhas de Penna erravam por não oferecerem aos estudantes brasileiros a possibilidade de ler os textos originais dos autores eleitos; erravam por não serem livros adaptados às necessidades específicas da cultura da escola brasileira e de sua constituição específica “mais próxima do modelo europeu”; erravam porque ofereciam aos estudantes obras sem originalidade e poder criador; erravam por não discutirem as verdadeiras fontes intelectuais da cultura pedagógica e educacional que se havia montado no Brasil. A política de Penna só se justificaria, então, se houvesse mercado garantido para a editora.

Na carta seguinte, sem se conformar com a política de escolhas da *Atualidades*, Teixeira comenta:

*Em relação a minha carta de ontem, estive conversando com Newton Sucupira da Faculdade de Filosofia da Universidade de Pernambuco e embora concorde ele comigo sobre uma política de longo alcance em traduções para o português, deu-me notícia de que, em psicologia, começam a ser habituais as traduções de livros didáticos americanos<sup>27</sup>, o que explica Damasco Penna ter pensado nos livros que estivemos examinando. Tudo isto, entretanto, não dispensa uma seleção muito rigorosa do que se deva traduzir. Seria indispensável termos um catálogo das traduções já feitas no Brasil, para não se duplicar o trabalho e, ao mesmo tempo, ver e sentir as lacunas existentes. Outra coisa a conseguir seria um Who's Who dos professores, a fim de podermos sempre ouvir os mais competentes nessa tarefa de escolhas.*

*Embora venha pensando há muito sobre o assunto, sinto que me faltam dados sobre os hábitos que se vêm formando em nosso magistério, todo ele, hoje, mais improvisado. A matéria é francamente de difícil indagação, não sendo fácil sair de uma área de palpites e sugestões um tanto secundários, como por certo, são também os meus. (Carta de Teixeira a Aquino, 8/9/1968 - AT 66.05.19)*

Apesar da confirmação do perfil do público e suas expectativas, Teixeira volta a insistir nas críticas à inadequação das escolhas de Penna: falta de uma seleção rigorosa

<sup>27</sup> A opinião de Newton Sucupira sobre o uso de manuais de psicologia nas faculdades de filosofia, reforça a hipótese que é esse modelo de leitura e formação que se torna hegemônico e acompanha a expansão das escolas superiores de formação de professores.

do que se deve traduzir, sugerindo aos editores que pedissem pareceres a professores mais *competentes* - do que Penna - para a seleção dos textos a serem traduzidos; repetição de textos que trazem as mesmas informações - *não se duplicar o trabalho e, ao mesmo tempo, ver e sentir as lacunas existentes.* .

Aquino responde de modo contundente e explicitava a representação que os editores tinham do público para o qual estava destinada a *Atualidades*. Em carta de 9/02/1968, Aquino responde:

*(...) acabo de receber seu parecer sobre os últimos originais propostos para “Atualidades Pedagógicas”. Mais que um simples parecer, na verdade, é sim a exposição de sua filosofia de trabalho no campo editorial. Concordo inteiramente com o senhor: o ideal seria mesmo levarmos os estudantes aos textos originais, oferecendo-lhes traduções cuidadas dos próprios autores, evidentemente, muito melhores do que simples comentários, análises ou excertos, mesmo quando feitos com cuidado e preocupações didáticas. Isto, entretanto, representa ou representaria para nós fantástica sobrecarga financeira, gráfica e editorial – aparentemente insuportável no momento – e para os estudantes, de um modo geral, quase que impossibilidade material de acesso às obras. Sim, porque se hoje já chega a ser difícil para muitos alunos a aquisição do manual imagine de uma seleção de autores abrangendo o estudo da matéria desse mesmo campo? Tomemos, por exemplo, o mesmo livro “berlinda”, *Theories of child Development*, de Baldwin: constitui, didaticamente, a forma ideal – mesmo havendo outros com idêntico objetivo, melhores ou piores – para o estudante obter uma **visão geral dessas teorias do desenvolvimento em nível introdutório, suficientemente para que depois possa partir para estudar mais aprofundado cada um dos autores. Ideal porque representa grande economia de tempo e recursos, e porque – queiramos ou não – vivemos hoje a era da cultura em pílulas. E constitui também a forma prática: num só livro ele tem acesso a um grupo, ou ao pensamento de um grupo de teorias que, de outro modo, exigiria a consulta a enorme bibliografia. E qual, hoje, a proporção de alunos dispostos, num curso de iniciação, a deglutir dezenas de trabalhos de Piaget, Freud, Kurthwin, Wener, como editores, devemos pensar nisto tudo, Não concorda?(...)** (carta de Aquino a Teixeira, 9/02/1968 - AT 66.05.19 – grifos meus)*

Para Aquino, a política de escolhas de Penna adaptava-se “como uma luva” ao mercado editorial de livros universitários: barateava custos; dava acessibilidade ao leitor novato; condensava informações, formando, de alguma maneira o estudante. A resposta de Aquino também indica a legitimidade do lugar de poder de Penna frente ao intelectual da educação de renome. Pela correspondência, percebe-se que a *Atualidades*

*Pedagógicas* propunha três pilares para a política de traduções (ou publicações, já que a maioria dos volumes eram traduções): livros didáticos e manuais para atender os iniciantes nos estudos da Psicologia e da Pedagogia; livros didáticos e manuais que não pesassem no bolso do leitor ou da editora; livros que possibilitassem uma absorção da cultura pedagógica em “pílulas”, sem demandar tempo ou grande esforço dos leitores iniciantes.

É contra esse modelo de formação que a proposta de Teixeira parece se insurgir. A **CCSE** foi desenhada com parâmetros completamente diferentes dos que regiam a Coleção de Penna. Teixeira parece, em análise preliminar da **CCSE**, produzir sua própria política de traduções, selecionando o que chamava de *textos originais*, sem qualquer preocupação com a facilidade da leitura. Os próprios comentários de textos e autores nas orelhas dos livros atestam essa opção. Para o texto de Raymond Willians – *Cultura e Sociedade* –, por exemplo, observa-se na orelha:

*Para compreender e explicar a perplexidade e o mistério do nosso tempo, julgamos ser indispensável a leitura desta paciente, difícil, penetrante e, sobretudo, otimista descrição e análise de Raymond Willians. Não é livro fácil, pois é obra de estudo e análise minudente(...) Sua pesquisa, entretanto, é admirável iniciação ao estudo amadurecido, histórico, da nossa moderna tradição humana e intelectual, a grande tradição do século 19. (Orelha do vol.1, CCSE, 1969).*

É importante notar que o livro de Willians abria a **CCSE** indicando a incompatibilidade do tipo de escolha proposta por Teixeira com a que Penna vinha publicando.

A crítica de Teixeira aos programas de leituras propostos em coleções, como a *Atualidades Pedagógicas*, não se restringia apenas ao gênero de material selecionado para a publicação. Para Teixeira, a especialização ou restrição do público ao qual esse tipo de coleção se destinava era indicador de concepções de pedagogia e educação diversas das que ele proclamava. Esse tipo de crítica vinha de longa data e a própria *Atualidades*, ainda dirigida por Azevedo, fora atingida por ela. Escrevendo para Lobato, em 1936, Teixeira comenta:

*A Coleção de F. A é muito interessante, mas meio doméstica, sem horizonte internacional. Seria necessário uma coleção em que pedagogia fosse um capítulo e não um título. Pedagogia é bobagem se não for toda a cultura humana. Há mais pedagogia em Wells do que em todos os professores do mundo (carta de Teixeira a Lobato, 21/3/1936, in: Vianna e Fraiz, 1986:73-74)*

Neste sentido, ao restringir a formação do professorado à pedagogia, a *Atualidades Pedagógicas* de Penna ia de encontro à própria concepção de formação do professor que Teixeira sustentava.

Essa representação de formação de Teixeira, pela análise preliminar dos títulos selecionados, pode ter sido um dos principais critérios de escolha do editor: apesar de mais da metade dos textos selecionados dizerem respeito aos problemas da educação<sup>28</sup>, os editores definem, tanto nas orelhas dos livros como na correspondência interna, essa Coleção como voltada para o “público em geral”.

Mas ainda é necessário aventar a hipótese de que essa definição do público leitor redirecionava, pelo menos formalmente, a destinação da **CCSE**: se a coleção *Atualidades Pedagógicas* era explicitamente voltada para mestres e educadores; a CCSE era para o público em geral, que incluía os mestres e professores. Esse redirecionamento poderia ser uma estratégia de Teixeira para garantir a existência de sua coleção – e de um modelo alternativo de leitura e formação do professor – ao não colocá-la como concorrente da *Atualidades*, já consagrada, evitando a oposição de Penna ao programa por ele projetado.

Essa hipótese é corroborada pela disputa de títulos e autores que se instala entre os dois editores desde o final dos anos 1960. Esse é o caso, por exemplo, do livro de John Dewey – *Democracia e Educação*, que estava no programa da *Atualidades*, desde 1936<sup>29</sup>. Em carta a Thomaz de Aquino, Teixeira observa:

*A minha reserva sobre Atualidades Pedagógicas é que certos livros não são atualidades nem pedagógicas. São livros de cultura geral, de filosofia, de ciências sociais. Tome, por exemplo, Democracy and Education de J. Dewey. O endereço deste livro é muito mais amplo do que os dos mestres pedagogos. É uma filosofia da democracia. Lembre-se que Dewey explicitamente afirma que a filosofia é uma teoria de educação. O livro deve ser reeditado sem menor dúvida(...) [mas] que saia numa edição para o grande público, ou, pelo menos, todo o público intelectual e não apenas, repito, o dos pedagogos e professores (infelizmente com o pedagógico apenas os primários). Converse pois com Penna (Teixeira, 2/12/1966; AT66.05.19/CPDOC - FGV).*

Na carta de Teixeira fica explícita a disputa que começava a travar com Penna por títulos que estavam na *Atualidades* e que gostaria de ver na sua própria Coleção. Por

<sup>28</sup> Dos 20 volumes selecionado, 12 deles dizem respeito à Educação. Ver anexo 1.

<sup>29</sup> O texto foi reeditado em 1957, 1963 e 1983.

sua vez, Penna resiste à retirada do livro e, por meio de Thomaz de Aquino, responde negativamente às pretensões de Teixeira:

*Muito obrigado pela sua opinião quanto à reedição do Dewey, agora depende do beneplácito do Big Boss<sup>30</sup>, pois Mestre Penna também a vê muito oportuna e importante. Mas deseja vê-la, como eu próprio, ainda e sempre nas “Atualidades Pedagógicas”. Não acreditamos, sinceramente, que a sua permanência na série torne o livro pouco acessível a um público maior, e boa prova disto está no inegável sucesso das edições anteriores. O importante, de qualquer modo, é ter o livro publicado (Aquino, 6/12/1966; AT66.05.19/CPDOC - FGV).*

Como é possível notar no trecho da carta, seja pelo tratamento, seja pelo status da Coleção, Penna há muito consolidara sua posição de poder na Nacional. A instalação de uma coleção concorrente à já existente no catálogo da Editora não era tarefa simples e demandava trabalho político e estratégico. Para impor um modelo concorrente, Teixeira parece ter sofrido também resistência de Penna<sup>31</sup>. A luta de representações entre os dois editores estaria, portanto, sendo travada nos bastidores de uma das maiores editoras do Brasil.

Mas essa coleção também tem outra dimensão. Como já notado, essa Coleção é lançada durante o recrudescimento da Ditadura Militar e de instalação implacável da censura que tinha Anísio Teixeira como um de seus alvos. Daí é possível inferir que a Coleção pode ter servido a seu editor como forma de fazer circular suas representações sobre educação, cultura e democracia, usando discursos alheios. Em carta a Thomas Aquino (20/01/1970), Teixeira comenta

*1) estou a lhe mandar a nota introdutória que confesso não saber se convém a “Liberalismo, Liberdade e Cultura”. Trata-se de artigo escrito para as Fôlhas por ocasião da tradução. Escrever mesmo uma nota introdutória envolveria inevitavelmente referência à situação local e não desejo fazê-lo por faltar-me liberdade para isto. Acredito, contudo, que bastará a referência implícita e o silêncio dos editores. Você leia a nota e diga-me com franqueza se a julga útil ou conveniente. Acho que certos livros são mensagens que precisam ser publicadas, não tanto para atender o presente, mas para servir ao futuro.*

<sup>30</sup> Thomaz de Aquino se refere a Octalles Marcondes Ferreira que dava a última palavra sobre qualquer publicação da CEN.

<sup>31</sup> Com a morte de Teixeira, a coleção é encerrada e a maioria dos títulos de educação são deslocados para a Atualidades Pedagógicas. Esse deslocamento sempre se dava com parecer de Penna, aceitando ou recusando os títulos da coleção de Teixeira. As informações sobre os destinos da Cultura, Sociedade e Educação constam dos dossiês de obras do Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional.

A análise da **CCSE** em contraste com a da **Atualidades Pedagógicas**, pode, portanto, reconstituir os *modelos de leitura e formação do professorado* e do *público intelectual* que estavam em concorrência no campo da educação, assim como as estratégias mobilizadas pelos diferentes atores nessa disputa; pode ainda desvelar aspectos da atuação política de intelectuais, como Anísio Teixeira, que optaram por ocupar o lugar de poder de editor, como estratégia para fazer circular suas representações sobre a educação e a cultura.

### Bibliografia

- BARBIER, Frédéric. 1995. *L'empire du livre. Le livre imprimé et la construction de l'Allemagne contemporaine (1815-1914)*. Paris: Les Éditions du CERF.
- BRANDÃO, Zaia & MENDONÇA, Ana Waleska (orgs.). 1997. *Por que não lemos Anísio Teixeira?*. Rio de Janeiro: Ravil.
- BEDA, Ephraim de Figueiredo. 1987. *Octalles Marcondes Ferreira: formação e atuação do editor*. Dissertação de Mestrado. ECA/USP
- CERTEAU, Michel de. 1995. *A cultura no plural*. Tradução Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus.
- \_\_\_\_\_. 1994. *A invenção do cotidiano. A arte de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes.
- CARVALHO, Marta M.C.de.(coord.). 2003a. *A constituição do campo pedagógico: impressos, autores e editores*. (Projeto integrado de Pesquisa – CNPq). São Paulo: EHPS/PUC-SP (mimeo).
- \_\_\_\_\_. 2003b *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF.
- \_\_\_\_\_. 2000. “Usos escolares do impresso: questões de historiografia”.in: *Cadernos de História & Filosofia da Educação*. Vol III, n. 5. São Paulo: Feusp.
- \_\_\_\_\_. 1999. *Molde nacional e forma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação, (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF.
- \_\_\_\_\_. 1998. *Pedagogia e impresso de destinação pedagógica: ensaio tópico de incursão nos domínios da história cultural*. (mimeo)
- \_\_\_\_\_. 1996. “Estratégias textuais e editoriais de difusão do escolanovismo no Brasil: uma perspectiva. In: GVIRTZ, Silvina (org.). *Escuela Nueva en Argentina y Brasil*. Buenos Aires: Miño y Dávila editores SRL.

- \_\_\_\_\_. 1993. “Escola, memória, historiografia: a produção do vazio”. In: *São Paulo em Perspectiva*. S.P., 7 (1): 10-15, jan – mar.
- \_\_\_\_\_. 1989. “O novo, o velho, o perigoso: relendo *A Cultura Brasileira*”. In: *Cadernos de Pesquisa*. (71):29-31, novembro.
- CATANI, Denice Barbara, 1994. *Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos*. (título de Livre Docência. S.P, USP. (mimeo)
- CHARTIER, Anne-Marie. s/d. *Pedagogie interculturelle et formation des enseignants: l'école laïque entre cultures et savoirs*. (mimeo)
- CHARTIER, Roger. 2002. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora da UNESP.
- \_\_\_\_\_. 1998. *Pluma de ganso, livro de letras, ojo viajero*. México: Universidade Ibero-Americana..
- \_\_\_\_\_. ROCHE, Daniel. 1995. “O livro: uma mudança de perspectiva” In: LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves
- \_\_\_\_\_. 1994. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução: Mary Del Priore. Brasília: UnB.
- \_\_\_\_\_. “O mundo como representação”. . 1991 In: *Estudos Avançados*, S.P.: Instituto de Estudos Avançados. USP, 5 (11), Abr.
- \_\_\_\_\_. 1990. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Tradução: Maria Manuela Galhardo.
- DARTON, Robert. 1990. *O Beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução*. São paulo: Cia das Letras.
- DONATO, Hêrnanni. 1990. *100 anos de Melhoramentos (1890-1990)*. São Paulo: Melhoramentos.
- FRAIZ, Priscila, VIANNA, Aurélio. 1986. *Conversa entre amigos: correspondência entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. R.J.:FGV/Cpdoc/ BA:Fundação Cultural do Estado da Bahia.
- FURET, François. s/d. “A ‘livraria’ do reino de França no século XVIII”. In: FURET, François. *A oficina da história*. Tradução: Adriano Duarte Rodrigues. Lisboa: Gradiva.
- HALLEWELL, Laurence. 1985. *O livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP.
- MONARCHA, Carlos (org.). 1997. *Lourenço Filho: outros aspectos, mesma obra*. Campinas Mercado das Letras/UNESP.
- MUNAKATA, Kazumi. 2000. “‘Não podemos fazer escolas sem livros’: livro didático segundo Anísio Teixeira.” In: SMOLKA, Ana Luiza B. & MENEZES, Maria

Cristina (orgs.). *Anísio Teixeira (1900-2000): provocações em educação*. São Paulo/Bragança Paulista: Editores Autores Associados/EDUSF.

OLIVERO, Isabelle. 1999. *L'invention de la collection*. Paris :IMEC/Maison des Sciences de L'Homme.

SGARBI, Antonio Donizetti. 2001. *Bibliotecas pedagógicas católicas: estratégias para construir uma "Civilização Cristã" e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938)*. São Paulo: EHPS-PUCSP (tese de doutorado)

SILVA, Vivian B. da. 2001. *Histórias de Leituras para professores: um estudo da produção e circulação de saberes especializados nos "manuais pedagógicos" brasileiros (1930-1971)*. São Paulo: FEUSP (dissertação de mestrado).

TOLEDO, M. Rita de A. 2006. *Mediação editorial e estratégia de intervenção no campo pedagógico: o caso da Atualidades Pedagógicas, sob direção de JB Damasco Penna*. In: Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Uberlândia: UFU.

\_\_\_\_\_. & CARVALHO, MMC de. 2004. *A Biblioteca de Educação de Lourenço Filho: uma Coleção a serviço de um projeto de inovação pedagógica*. In: V Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. Évora: Artipol Artes Tipografia Ltd.

\_\_\_\_\_. 2003. *Bibliotecas para professores: um estudo sobre Coleções de Pedagogia*. in: CARVALHO, MMC de (coord). *A constituição do campo pedagógico: impressos, autores e editores*. (Projeto integrado de Pesquisa – CNPq). São Paulo: EHPS/PUC-SP (mimeo)

\_\_\_\_\_. 2001. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1982)*. Tese de doutorado São Paulo: EHPS/PUC/SP. Paulo.

VIDAL, Dianan Gonçalves. 1995. *Instituto de Educação: visibilidade e produção de um saber sobre o educando (1932-1937)*. Tese de doutorado FEUSP.

### **Arquivos:**

A Correspondência citada está localizada nos arquivos:

- Arquivo Anísio Teixeira – FGV do Rio de Janeiro

- Acervo Histórico da Companhia Editora Nacional – IBEP – São Paulo.



Anexo 1**Coleção Cultura, Sociedade e Educação:**

autor	título	1a edição
Raymond Willians	Cultura e sociedade	1969
Jacques Lambert	Améria Latina	1969
Anísio Teixeira	Educação no Brasil	1970
Jerome Bruner	O processo da Educação	1969
Anísio Teixeira	Pequena Introdução à filosofia da educação	1968
Raymond Willians	A longa revolução	Não foi editado
Alfred N. Whitehead	Os fins da educação	1970
Anísio Teixeira	Educação é um direito	1968
Peter Winch	A idéia de uma ciência social	1970
Anísio Teixeira	Educação não é privilégio	1968
Jonh Dewey	Liberalismo, liberdade e cultura	1970
Anísio Teixeira	Educação e o mundo moderno	1969
John Pfeiffer	Uma visão nova de educação	1971
Hélio Pontes	Educação para o desenvolvimento	1969
John Dewey	Experiência e Educação	1970
James Bryant Conant	Dois modos de pensar	1968
Terezinha Éboli	Uma escola diferente	1969
Alexis de Tocqueville	Democracia na América	1969
Marshall MacLuhan	A galáxia de Gutenberg	1970
W. Kenneth Richmond	Revolução do Ensino	Editado na Atualidades Pedagógicas -1975